



Director: Sérgio de Andrade

Director adjunto: Frederico Martins Mendes

Diário / Ano 100.º / N.º 251 / Preço 50\$00 — Espanha: 45 pts / Terça-feira, 9-Fevereiro-1988

## Jornadas Parlamentares do PSD

### UM OLHO NA REVISÃO O OUTRO NOS SOCIALISTAS



Ler na página 2

### CARRIS: REQUISIÇÃO CIVIL DECRETADA PELO GOVERNO

Ler em «Trabalho»

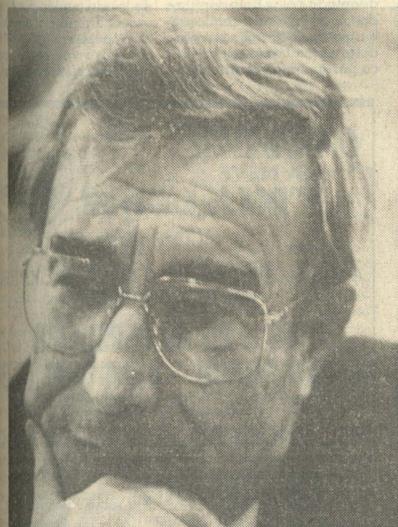
### RETIRADA DO AFGANISTÃO PODE COMEÇAR EM MAIO

— anunciou Gorbachev

Ler em «Internacional»



José Cardoso Pires e «Alexandra Alpha»



É MUITO PERIGOSO  
DISCUTIR ESTE PAÍS

Ler entrevista em «Cultura»

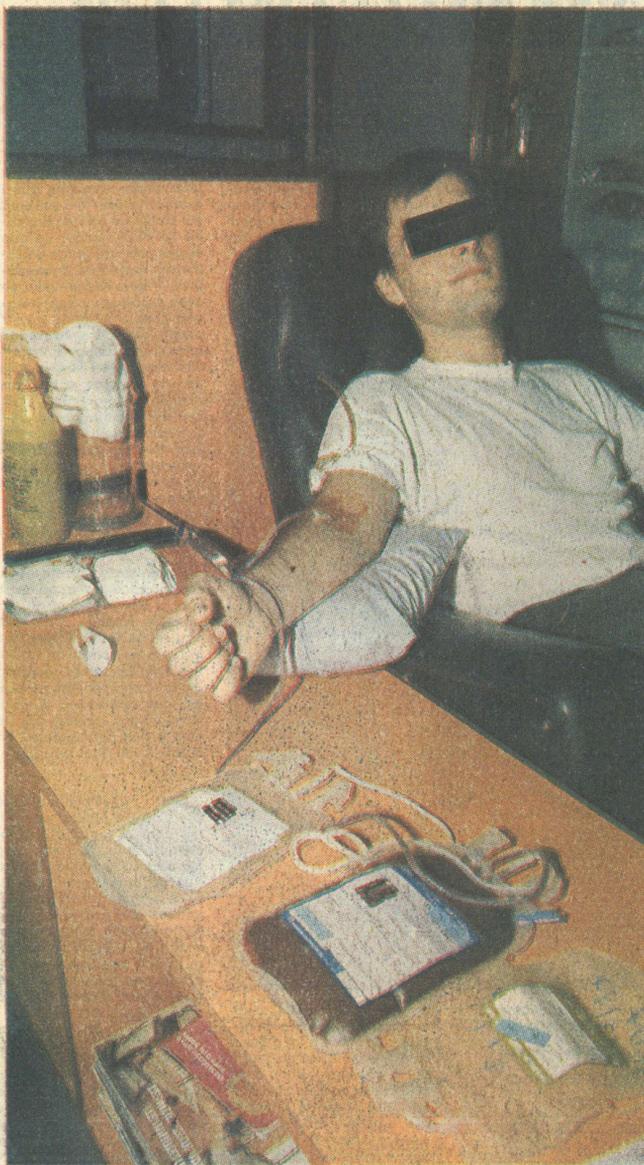
Cavaco recebeu clubes

### TRIBUTAÇÕES VÃO SER REVISTAS



### ANDEBOL: PORTUGAL «ENTROU» BEM NO «MUNDIAL»

Ler em «Desporto»



## SANGUE Transfusões mortais em Portugal

### CORREMOS GRANDES PERIGOS — RECONHECE O DIRECTOR DO INS

Ler na página 9

### SOLIDARIEDADE COM A CÂMARA DESCE À RUA NO PORTO (SEXTA-FEIRA)

### QUADROS SUPERIORES DA EDP DIVIDIDOS

— denuncia o eng.º José de Azevedo Campos

Ler nas páginas 13 e 14

Já suspeitávamos, mas depois de lermos Alexandra Alpha, de José Cardoso

Pires, temos a certeza: é muito perigoso discutir este país!

É um romance onde se reflectem pessoas que aprendemos a conhecer, com os seus tiques e os seus truques, o grande desespero de não terem sido capazes de ser outra coisa. As mulheres são complicadas. Algumas, quando menos se espera, acabam na fatalidade da tragédia. Os homens estão ancorados, ou procuram a coragem. Um livro onde as estratégias da sedução jogam, perigosamente, com as armadilhas do desejo. Tudo isso estava ainda por escrever na relação directa e íntima com uma ideia do país. Do país vivido com um grande desencanto.

José Cardoso Pires, em «Alexandra Alpha», procede à dessacralização de certos rituais políticos de contestação. Fala do engano e das razões, pessoais, que nos conduziram...

Um romance que se lê ininterruptamente, enquanto somos guiados por instintos poéticos (como resistir a recitar Ruy Belo: «o meu país que é o que o mar não quer»).

Há um bar chamado «Crocótilo», os líquidos e os copos, a ternura e a suspeição. «Detesto uma literatura programática» — afirma o autor. Alexandra Alpha é de uma escrita rara, e não engana ninguém.

## «ALEXANDRA ALPHA»:

# UM ROMANCE SOBRE A TRAIÇÃO

Entrevista de EDUARDO PAZ BARROSO e fotos de HENRIQUE MOREIRA

«Jornal de Notícias» — Após cinco anos de «silêncio», você consegue surgir com um romance inesperado, surpreendente. Há alguns retratos decisivos, muitas mitologias. Depois o romance parece um bom terreno para a Esquerda patinar (derrapar)... Tem a sensação de que pregou uma boa partida a muitas pessoas que o costumam ler?

José Cardoso Pires — Não pretendi pregar partidas às pessoas... Aliás, de um modo geral, eu não escrevo sobre pessoas concretas. As mulheres e os homens têm coisas minhas. Não pretendi fazer personagens directamente referenciados.

O que acontece é que quando se

JCP — Livro optimista não é. Aliás, eu penso que nunca escrevi nada optimista. Mesmo dificilmente escrevo uma carta optimista. Se fosse optimista a meu respeito, talvez fosse mais feliz; mas penso que o meu livro não é optimista nem pretendo ser.

JN — Alexandra Alpha demonstra que você não é uma espécie de escritor de regime. Creio que isso não foi suficientemente marcado, numa perspectiva crítica. Embora haja flutuações, modificações no comportamento dos públicos leitores, o certo é que, por exemplo, José Saramago está do lado dos comunistas, Agustina Bessa-Luís está do lado da Direita. Comparativamente, você está muito mais do seu próprio

No meu caso, os livros, a acção, as personagens nascem também muito devagar, porque é um trabalho muito demorado, muito revisto, com grandes espaços de tempo... As personagens vão nascendo um pouco por elas próprias. Faço questão que seja assim. Um escritor encontra-se de repente, e muitas vezes, com personagens que não gostam dele. E aí, a única coisa que eu faço, quando vejo que um personagem não gosta de mim proco deixá-lo seguir o caminho dele. Se não tiver força, tiro-o, corto, porque se não, sai um livro programado. Há um pobre, um rico, a mulher feia, a mulher bonita, etc., e isso é o resultado de não dar liberdade àquela figura que já vive com a gente, que a gente já desenha, já se lhe vê a cara, e tudo mais, como se fosse alguém com quem vivemos muito. É por isso que as personagens levam muito tempo a construir e só acabam na última revisão do texto. Elas nascem de muitas maneiras. Às vezes, até nascem ao contrário mas houve uma tendência qualquer e elas foram encaminhando-se nesse sentido. O lado lúdico da escrita, do romance, vem daí; vem justamente por se ter programado determinada coisa e essa programação ser alterada por aquilo próprio que a pessoa criou.

### ● Duplicidade das personagens

JN — Nesse sentido, «Alexandra» não é uma personagem principal?

JCP — No que se tem escrito sobre Alexandra Alpha, há muita coisa que não foi salientada, talvez porque não esteja muito clara, muito directa. Por exemplo, uma coisa que lhe vou dizer e que nunca disse em público, é que em Alexandra Alpha as personagens têm dois rostos, todas; e Alexandra Alpha, para mim, é metade e a outra metade dela é Maria. Por isso, a pus a morrer daquela maneira.

Há certo tipo de erotismo, certa fluência erótica. Eu pretendo dar a personagem durante um regime de poder, dar um instinto de defesa e de afirmação a um assunto, sempre com dois rostos, ou três ou quatro ou muitos rostos de maneira que nós vamos encontrar neste livro, na minha óptica, uma grande parte das personagens com dois rostos.

JN — As suas mulheres, neste livro, são de uma crueldade possessiva. Há nisso alguma experiência pessoal? No fundo, elas aparecem-nos como mulheres algo estranhas... Neste país há poucas mulheres assim, não acha?

JCP — Conheci várias... Mas, como digo, cada personagem nunca é uma figura; não há retratos, há só um perfil. Conheci, e conheço, mulheres muito

feminina. Tudo na mulher é dramático e é, por isso, muito mais rico. Enquanto que no homem a sua evolução é sempre abstracta, a mulher é muitíssimo mais objectiva, muito mais concreta. Isso tem a ver com a ideia que eu tenho da mulher em Portugal. Ao mesmo tempo que concebo uma mulher ambiciosa não me esqueço que em Portugal a mulher é, de facto, mais objectiva em todas as classes. Talvez não na alta burguesia. É muito mais objectiva, porque ela é que tem a carga das realidades e também porque a sua autonomia de mulher, fisicamente, biologicamente, é dramática, como diz uma personagem. A mulher tem períodos cíclicos, nada passa pela mulher que não seja dramático.

O homem só é dramático quando lhe chega a impotência, antes disso não é. A mulher tem sucessivas fases dramáticas.

### ● Inventar um país

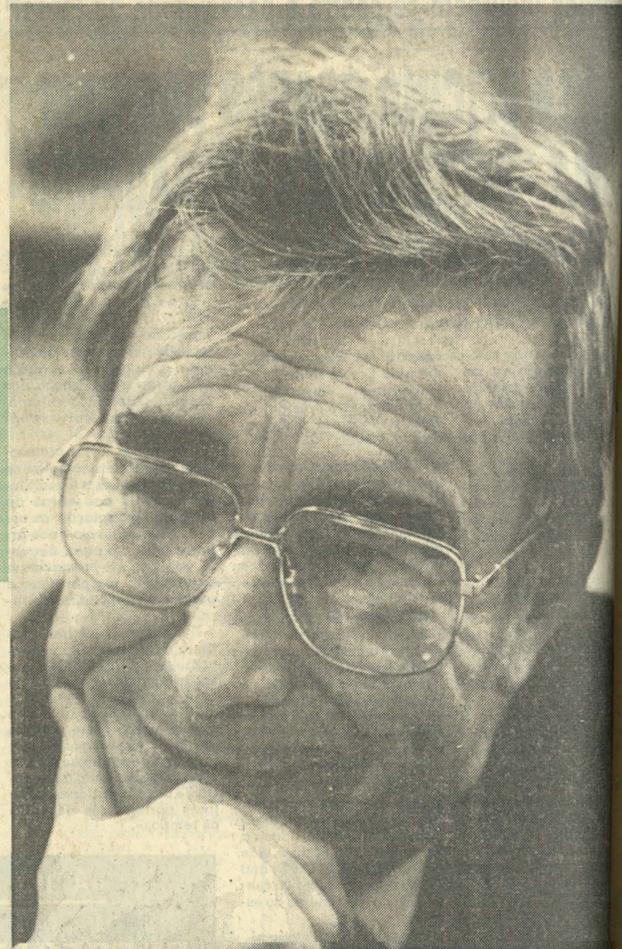
JN — As estratégias de sedução são todas a fingir, e só o amor em si mesmo (por exemplo, a relação de Alexandra com o seu filho adoptado, o Beto) fica completamente por desarmadilha. O que é que está em jogo?

JCP — O que eu pretendo que esteja em jogo no livro, entre outras coisas, é uma frase que vem lá, que diz: «se não inventamos um país, não cabemos nele». Se não invento uma personagem não caibo na minha personagem. Se eu, desempenhando simbolicamente o papel de mulher, invento todo um romance, e nele o caso da ria, acabamos por perceber que é o outro lado da Maria (a Alexandra) que o vai realizar. Eu não queria chamar a isso mitificação ou automitificação, mas será um pouco isso... toda essa estratégia de sedução é feita quase sempre como uma afirmação pessoal, que é agressiva, e na maior parte dos casos, essa agressividade, no plano erótico e no plano sentimental, criou medo, criou pavor.

### ● «Não conheço o meu público!»

JN — Quase três meses após a sua publicação, este romance já lhe provocou algumas leituras ressentidas? No fundo — e você já o disse —, este é também um livro sobre a traição. Há uma espécie de ajuste de contas. Directa ou indirectamente muitos acabam por ser visados. Sente que pagou um preço muito elevado por escrever este livro?

JCP — Penso que uma das razões por que se escrevem romances ou novelas, ou poemas, é um pouco por um desafio a nós próprios. A pessoa põe à



«O que eu pretendo que esteja em jogo no livro, entre outras coisas, é uma frase que vem lá que diz: «Se não inventamos um país não cabemos nele». Se não invento uma personagem não caibo na minha personagem».

JN — Mas eu não estava bem a falar desse público, que não gosta à partida. Estou a falar justamente do público que gosta e que foi apanhado...

JCP — Eu não tenho notícias sobre isso. As notícias que tenho tido de gente, do meu público mais fiel, não têm tocado nesse aspecto. Sou talvez o único escritor que eu conheço, que não conhece o seu público! Sei quantos milhares de exemplares vende um livro meu, mas eu vi, em toda a minha vida, duas ou três vezes uma pessoa com um livro meu. E repare, a «Balada...» tem cerca de 30 mil exemplares, ou seja, 30 mil pessoas que compraram. Até hoje, de todos os meus livros vi três pessoas com um.

JN — Qual é a moral da Alexandra?

JCP — Se eu conseguisse dizer qual é a moral dela, talvez não tivesse escrito o livro ou escrevia-o com muito menos páginas. Eu penso que o que quero provavelmente perguntar é que ilações se podem tirar do comportamento dela ou qual é o objectivo dela, ou o que é que a descreve nos seus objectivos, o que a define.

JN — Será um pouco isso, mas também uma moral no sentido ético, respeitante às condutas, aos comportamentos em situações de conflito muito diversificadas (de conflito amoroso, existencial) e também do conflito entendido segundo os cânones do grande romance do século XIX. Alexandra, Maria esforçam-se por sair e sobreviver a tudo isto, mas perde-se sempre alguma coisa, na vida, e elas perdem a própria vida...

JCP — Talvez Alexandra Alpha seja, acima de tudo, uma elitista com uma grande consciência do ceticismo, de si própria e da sociedade, para tirar partido disso. É uma mulher muito inteligente, elitista, isso é evidente, e que faz do ceticismo todo o seu triunfo. O ceticismo serve-lhe realmente para assumir uma atitude, para explicar melhor a elitista em relação à sociedade, em relação às questões, e para a fazer seguir em frente com muitíssimo mais violência.

### ● Um país marginalizado

JN — Como é que, exterior ao romance, este tempo português ainda continua a correr, deixando para trás muito do que fomos ou vivemos?

JCP — Portugal é um país marginalizado em quase toda a sua história, excepto quando foi universal, em dois séculos. Excepto num ou noutro caso, dali em diante, no caso, por exemplo, na minha opinião, no século XVIII, no tempo do Iluminismo esclarecido. É um país que tem uma tradição de marginalizado; automarginalizou-se muitas vezes como defesa recalcada. Não há dúvida, na minha opinião, quer por recalamento, por muitas razões, até pessoas se quiser, Portugal ficou marginalizado e o correr do tempo era diferente do resto da Europa e deixou-se correr fora do relógio da Europa e assim esteve até Abril de 74, tirando, como disse, os tais períodos em que foi universal.

JN — É como se já não valesse a pena ter vergonha?

JCP — Isso aí não, porque há uma razão simples. Para mim, uma das coisas em que eu insisto em Alexandra Alpha é a vergonha que representa certa classe culta e responsável quando entra no provincianismo cosmopolita. Mas o contrário, a vergonha de si próprio é outro provincianismo. O provincianismo mais reles, mais baixo, na minha opinião, é a vergonha e a mitificação do estrangeiro (o cosmopolitismo que é outro provincianismo) e é o endeuamento desesperado dos valores nacionais que nos pode levar muitas vezes ao nacionalismo abstracto, aque-

le que nos conduziu em quase toda a nossa história.

### ● Uma pedrada no charco

JN — O seu romance acaba por uma pedrada no charco da mitologia identidade nacional...

JCP — A base do livro pretende realmente uma discussão sobre a identidade nacional. É isso que eu pretendo as formas de identificação. Cada um daqueles indivíduos mitifica-se e é a busca da identificação do país. Todas as personagens são mitificadas — para se defenderem criam uma imagem de si próprias.

JN — Recorre, de um modo evidente, à poesia de Ruy Belo para car esta consciência deprimida e trágica. Há em si uma espécie de nostálgica poética, a lembrança do país que fomos e do país em que, afinal, não transformamos?

JCP — Primeiro que tudo, o Belo é uma personagem, não sou eu. Segundo, o Ruy Belo é um dos poetas com o O'Neill e poucos mais, que foram em discussão o Portugal. É isto que é importante. As pessoas que amam o país, que é o caso do Ruy Belo, O'Neill, e que é o meu caso, que amo o país mas que amo discutir o país sabendo que é muito mais perigoso, muito mais perigoso que quecido discuti-lo... Esse é um campo de identificação.

Neste livro, mais do que em qualquer outro talvez seja possível ver aquilo que motiva um romancista a escrever é o próprio acto de uma identificação, com o país e com a escrita, a linguagem. As duas coisas estão associadas. Eu escrevi um romance e que me quero identificar com o país e com a minha língua.

### ● Bares corcodilos...

JN — Você gosta da sua vida? Provavelmente, há nela muitas zonas de contacto, de contágio, com aquilo que é ficção. Mas, pergunto-lhe, de si mesmo, não tem também um pouco de ficar encachado num bar corcodilo?

JCP — Eu gosto da minha vida. Eu conheci bares corcodilos, desentendi-me sempre deles e, se calhar, no momento, felizmente os bares corcodilos já não existem, são cada vez menos. O país está muito mais sadio, mas gosto muito da minha vida, não quero outra.

JN — Essa sensação de felicidade não está em contradição com o que você afirmou: que não tinha nada a ver com o optimismo?

JCP — Primeiro, eu não digam sou feliz; eu digo que gosto da minha vida, da vida que tenho, quero ser feliz e só com a ideia de fazer a minha vida feliz é que eu estou em permanente descontentamento com ela, ao mesmo tempo.

Gosto da minha vida mas procuro corrigi-la, sempre. Proco exigir de vez mais; procuro ter insatisfação que gosto.

Tem-se um horizonte para onde caminha, sempre com exigências cada vez maiores e cada vez mais prematuro — isso faz parte do que está na vida, a exigência, a frustração, são elementos de gostar da vida. Penso que, no fundo, há muita gente, entre os quais me incluo, que tem a esperança desesperada de desespero-esperança. Eu não sou nem infeliz. Sou muito mais feliz do que muita gente; sou muito menos feliz do que outros. Eu gosto da vida que tenho, procuro a felicidade, procuro que seja melhor; agora, não quer dizer que eu esteja contente, ou melhor, contente, satisfeito.



«Neste livro, mais do que em qualquer outro, talvez seja possível ver que aquilo que motiva um romancista a escrever é o próprio acto de uma identificação, com o país e com a escrita, com a linguagem. As duas coisas estão associadas».

escreve (pelo menos eu quando escrevo) penso que uma grande parte na ficção de um romance, na prosa, as personagens vão-se definindo elas próprias pelo caminho e é a única maneira de elas não serem estereotipadas, de elas não comandarem os destinos da acção e tem algo a ver com os imprevistos acasos da narrativa. A história de uma personagem de ficção é muito autónoma a partir de certa altura; se não faz-se livro de receita, faz-se uma literatura programática que são coisas que eu detesto.

JN — Acha que, comparativamente com o resto da sua obra, «Alexandra Alpha» é um livro que vai no sentido de uma síntese, uma espécie de texto feito com frases fáceis e ideias difíceis?

JCP — É uma pergunta extremamente difícil...

JN — É um romance diferente dos outros que escreveu, mas onde está presente o essencial do que até agora escreveu?

JCP — O que distingue a literatura de outra actividade mais problemática é que o escritor é um indivíduo que tem o dever, a necessidade quase biológica e anímica de futuro o seu horizonte, que é sempre de beleza total da obra acabada, da obra perfeita. Daí o grande litígio entre arte e política. É por isso que a literatura, quanto a mim, dificilmente não é perturbadora, no sentido da frustração. De um modo geral, o escritor aponta o lado frustrado da vida, tem ânsia da realização total, do tal horizonte de felicidade e da obra completa. Por isso, ele se vai repetindo, de romance em romance, sem dar por isso. Procura, com personagens novas, modificar, aperfeiçoar a trajectória que antes escreveu.

Se ele tem este lado de frustração (e quase toda a literatura mundial é a vertente da frustração), naturalmente que ele, de certo modo, opõe-se ao raciocínio político optimista; porque não se faz política sem optimismo. É também por isso que o escritor (o romancista) é necessário à sociedade, como uma visão, como uma certa utopia, no sentido em que uso a palavra utopia: de perfeição, de uma certa exigência da sociedade que é dinamizadora do raciocínio político que é extremamente mais regulamentado, menos utópico, optimista sempre, sim, mas não tem o limite da utopia.

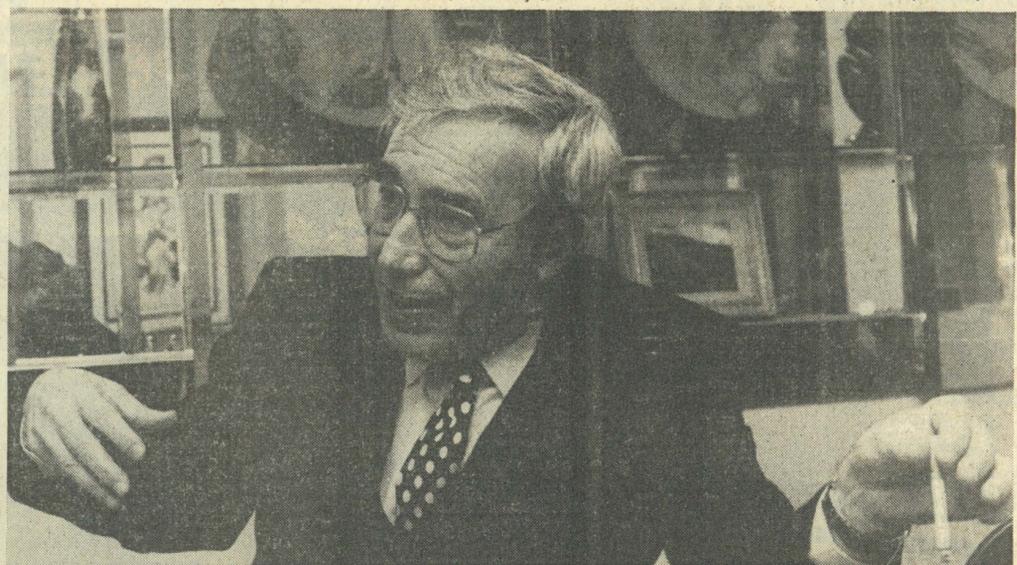
Se o realismo político é optimista, o realismo literário é muitíssimo mais impreciso e aponta, quase sempre, para a obra perfeita. Denuncia muito mais as frustrações que o lado optimista dos indivíduos.

### ● «Nunca escrevi nada optimista»

JN — Mas o seu livro não é de todo um livro optimista?

lado, sobretudo depois de ter escrito Alexandra Alpha.

JCP — Sou contra os escritores oficiais... Eu sou assim, não é que pretenda. Por exemplo, vou falar-lhe de um livro meu, escrito há não sei quantos anos. O anjo ancorado, em que eu já punha em questão essas coisas. Mais ainda quando eu escrevo um crime cometido pela Esquerda na Balada da Praia dos Cães. Agora, o que me parece importante, é que quando se ama alguma coisa está-se insatisfeito. Se eu amo a liberdade, a democracia, estou eternamente insatisfeito com ela. É mais fácil estar satisfeito com a Direita, com a reacção, com a ditadura... O empenho que eu tenho nessa parte da sociedade, desse lado do Homem, é-me estranhamente desinteressante. Por outro lado, o empenho criativo que tenho na liber-



«Uma das coisas em que eu insisto em Alexandra Alpha é a vergonha que representa certa classe culta e responsável quando entra no provincianismo cosmopolita. Mas o contrário, a vergonha de si mesmo, é outro provincianismo».

dade a todos os níveis obriga-me a uma insatisfação permanente. É como quem procura o mais infinito, um raciocínio elementar da matemática. Cada coisa que passe é sempre vista em função do tal horizonte de utopia, o horizonte do mais infinito da matemática elementar.

JN — Como nascem as personagens?

JCP — De livro para livro, as personagens são diferentes. As personagens deste livro não têm nada a ver com a Balada da Praia dos Cães, esta não tem nada a ver com O Delfim, etc..

próximas das do meu romance, embora aqui elas tivessem sido retocadas, recriadas, aglutinadas, compostas com a sua própria contradição.

Pergunta-me se isso tem a ver com a minha experiência pessoal de mulheres, ou da ideia que faço delas. Tem a ver, em parte. Se se lembrar, em Alexandra Alpha, os grandes elogios existentes são justamente à mulher. Por exemplo, quando restabeleço uma diferença enorme entre a mulher e o homem; o lado dramático da vida da mulher, quando assumo a qualidade de

solta as suas próprias obsessões. Eu tenho obsessões que naturalmente estão aí, algumas características. Levanta o problema da traição... Aquelas personagens são agentes, intérpretes, de um tipo de traição. Todos os indivíduos, até os santos, todos eles tiveram traições internas. O que interessa é que é muito difícil sair deste ponto. As pessoas ficam ofendidas ou não gostarem das minhas personagens neste livro? Todos os meus livros e os livros de toda a gente têm, com certeza, um público que não gosta.